



Mito de Sísifo: Representação Imagética¹

Autor(a) Fabíola Pereira de Melo²

Resumo

Utilizando a fotografia como suporte, foi verificada a necessidade de chegar mais perto do outro e ampliar o olhar, no sentido de observar uma determinada rotina e compreender até que ponto estamos afastados dessa realidade. O ensaio fotográfico que compõe esse projeto, embora esteja imerso na área imagética, buscou referências teóricas na mitologia e na filosofia para aplicação do mito de sísifo nos dias de hoje.

Palavras-chave

Fotografia; mito; percepção.

¹ Trabalho apresentado no DT 4 – Comunicação audiovisual do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 14 a 16 de junho de 2012.

² Bacharel em Comunicação Social – Habilitação em Fotografia – Faculdades Integradas Barros Melo e-mail: emaildefabiola@gmail.com



1. INTRODUÇÃO

Ao nos depararmos inicialmente com a leitura entusiasmada do “O mito de Sísifo” escrito por Albert Camus visualizamos a ideia de aplicar o mito de *Sísifo* na atualidade. Tal leitura nos fez ver, que em muitas passagens, ele relata toda a estrutura contida na mitologia grega. Como logo descreve o autor: “Sempre houve homens para defender os direitos do irracional, que nesse sentido abraça a contextualização na sociedade atual vinculada ao suicídio, a revolta e o assassinio” (CAMUS, 2009, Prefácio)

O foco desse projeto circunda no entendimento e na representação imagética da lenda no Mito de Sísifo, abordado na mitologia grega. O mito encontra-se envolvido no pensamento de um esforço inútil feito pelo ser humano. Ele explicita a experiência que um indivíduo tem em relação ao “trabalho”. Permitindo ainda, que se reconheça como parte de um todo e também por vivenciar algo existencial e fundamental no que refere à rotina que todos nós estamos submetidos de eternas repetições. Essas circunstâncias são denominadas dentro da mitologia por “trabalhos de Sísifo”.

Ao falarmos de mito e de como representá-lo em nossa sociedade é interessante entender que o mito funciona como uma fala. Representa de alguma forma, aspectos da sociedade em que foi criado, como cita Roland Barthes:

“Mas o que se deve estabelecer solidamente desde o início é que o mito é um sistema de comunicação, uma mensagem. Eis por que não poderia ser um objeto, um conceito ou uma ideia: ele é um modo de significação, uma forma.”
(BARTHES, PÁG 199)

Ao entrar em contato com esse mito, percebemos que os indivíduos são capazes de demonstrar as mais variadas sensações, vivenciadas por uma carga emocional e física imensa, a partir de um trabalho repetitivo que lhes são destinados. É nesse momento que o mito se faz representar na figura do Sísifo que, dentro da mitologia, é obrigado a carregar uma pedra para o topo de uma montanha, condenado a um trabalho penoso e de eterna repetição. Levando-o, portanto, a vivenciar emoções de desespero, suicídio ou até assassinio.



Representar justamente esse esforço repetitivo presente em algumas profissões, de tal modo a dá coerência e representatividade imageticamente do mito de Sísifo, é o que está presente no ensaio fotográfico desse projeto experimental.

2. DESENVOLVIMENTO

No contexto atual das tormentas da globalização onde o fenômeno da migração está literalmente inserido no universo do mito de Sísifo. Vemos milhões de pessoas fazerem migrações internas, estejam elas no nordeste brasileiro, na área central africana ou mesmo em zonas de guerra, em busca de dias melhores até perceberem que seu destino final é fixar-se na periferia dos grandes centros urbanos.

O sistema capitalista mostra claramente que o operário sem nenhuma qualificação, tem apenas a força de seus braços que o oferece um pequeno espaço para sua sobrevivência. Essa situação, a qual bilhões de seres humanos ao redor do mundo estão inseridos, migrantes ou não, já convive no processo histórico do trabalho braçal.

A argumentação de que os operários braçais, são a força motriz do desenvolvimento de um país, de uma cidade, reporta ou reforça ainda mais esse processo histórico, transforma a lenda do castigo de Sísifo numa cruel realidade da exploração de mão de obra. Nesse contexto, se pode ver ainda que a cultura, de uma maneira geral, é capaz de fazer muito mais do que ocultar essa exploração, ela inclusive nos faz aceitar essa exploração como algo justificável.

Com seu livro “O mito de Sísifo”, Albert Camus, compartilha a realidade do universo das tarefas rotineiras. Posto que ele também pertenceu a uma família operária, a qual estava inserida no sistema capitalista. Pensando dessa forma, é cabível ressaltar que, se por um lado a revolução industrial implementou espaços para o aparecimento de grandes empreendimentos, tanto na área comercial, quanto na área de produção, por outro, coube a ela a idéia reducionista de força motriz de desenvolvimento. Promovendo inevitavelmente um considerável controle capitalista sobre todos os ramos da sociedade. Articulando e afetando assim o trabalho do operário e a relação com o poder. Porém, essa aparente relação entre poder X trabalho fica na superfície, no momento em que o



operário se sente valorizado, recebendo por seu trabalho e ao receber seu salário ele se vê inserido na sociedade, passando a comprar e adquirir bens de consumo. Mas a sociedade se esquece de olhar para esse operário e não enxerga o quanto a rotina de seu trabalho o esmaga e aliena.

Algumas tarefas, por sua vez, são maçantes e a má remuneração não permite um poder de compra elástico, nem tão pouco possibilita o investimento em uma educação melhor, que promoveria uma ruptura desse círculo vicioso, visto que a sociedade não oferece nem educação e nem saúde de qualidade para os que estão à margem desse processo.

Esse círculo vicioso também leva o homem a entrar numa rota sem destino, persuadido a executar sempre a mesma tarefa, sempre com o mesmo intuito – receber o salário, comprar utensílios e alimentos – manter-se vivo. Ou seja, a cobrança da sociedade, para alguém que não tem uma função definida é a de extensivas horas de desempenho com grande exposição física, exigindo um papel definido de um indivíduo operante dentro da sociedade de consumo. Tais tarefas acabam sendo executadas não por uma vocação e sim pela obrigação de se sustentar. Com isso podemos atribuir o chamado “Trabalhos de Sísifo”.

A realidade do universo das tarefas repetitivas, expressada na lenda do mito de Sísifo, nos mostra o quanto importante se faz a representação imagética das rotinas trabalhistas de algumas profissões e que, com essa exposição imagética, em termos de contribuição, a sociedade possa obter um caminho para a reflexão sobre o trabalho de Sísifo, algo tão presente em nosso dia a dia e ao mesmo tempo obscuro, o qual a sociedade insiste em fazer “vista grossa”.



2. 2.1 – REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico, em seu princípio, traz o conceito básico de mito formulado por Everardo Rocha,

“O mito é uma narrativa, é um discurso, uma fala. È uma forma de as sociedades espelharem suas contradições, exprimir seus paradoxos, dúvidas e inquietações. Pode ser visto como uma possibilidade de se refletir sobre a existência, o cosmo, as situações de “estar no mundo” ou as suas relações sociais” (ROCHA, 2008 Pág. 7)

Esse projeto experimental traz a representação imagética do mito de Sísifo articulado pelo filósofo argelino Albert Camus em seu livro “O mito de Sísifo”, que expressa coerentemente à representatividade do trabalho repetitivo e exaustivo presente em algumas profissões em nossa sociedade atual.

Ao se pensar imagens que viessem a constituir o ensaio fotográfico proposto, tais como a rotina de uma empregada doméstica, de um trabalhador da construção civil, de um varredor de ruas e assim por diante, vinculamos imediatamente com as idéias propostas pelo existencialista Albert Camus. Visto que o próprio autor faz a ligação do mito de Sísifo ao ser trabalhador que vive numa repetição de suas atividades, para Camus:

“Esse mito só é trágico por que seu herói é consciente. O que seria sua pena se a esperança de triunfar o sustentasse a cada passo? O operário de hoje trabalha todos os dias de sua vida nas mesmas tarefas, esse destino não é menos absurdo. Mas só é trágico nos raros momentos em que isso se torna consciente” (CAMUS 2009, Pág 139)

Ao tecer essa teia entrelaçada entre o mito de Sísifo e a condição do ser trabalhador, Camus faz esse caminho natural ao expressar a forma como o trabalho braçal se estabelece dentro da sociedade, esteja ela inserida em qualquer ideologia.

A figura do trabalhador é o objetivo principal desse ensaio fotográfico, mas o seu objetivo também é traduzir imageticamente o próprio mito de Sísifo através do



desempenho de suas tarefas cotidianas. No mito, se vê o trabalhador empenhado em uma rotina vã de trabalho, mas que ele não é abatido por isso. O que remete ainda mais a esse mito é o fato de os indivíduos da sociedade se reconhecerem nele, portanto uma experiência existencialista fundamental.

Outra faceta de coerência com a história da construção da sociedade, em que encontramos indivíduos desempenhando trabalhos braçais repetitivos, como no mito, na figura de Sísifo, ele encontra seu destino em um castigo de, por toda a eternidade rolar uma pedra para o alto de uma montanha e, por ser pesada, a pedra cai antes de chegar ao alto da montanha voltando a rolar novamente, fazendo repetir esse esforço interminavelmente.

Com esse destino, tanto os indivíduos, quanto o mito de Sísifo, estão conectados e expostos a uma série de sensações e convicções de que um dia não conseguirão mais levar a pedra até o topo da montanha e gerando assim uma emoção de negação desse esforço repetitivo.

Camus compara o mito de Sísifo a uma tragédia vivida por um herói consciente da sua pena e que é facilmente encontrado em qualquer canto da sociedade: o trabalhador. Pois, todos os dias, trabalhadores desenvolvem diversas tarefas extremamente repetitivas em que tornam-se constitutivas em suas vidas, onde lampejos de consciência os rondam dessa pressão imposta pelo mercado de trabalho.

Para fazer essa representação imagética foi necessário buscar e localizar esses Sísifos na sociedade. Trabalhadores que realizem tarefas rotineiras e que se questionem sobre seus desempenhos. Ao identificarmos esses trabalhadores presentes na sociedade, e que estão visivelmente próximos da expressão de “trabalhos de Sísifos” é possível identificá-los claramente nos questionamentos feitos por Camus:

“Acordar, bonde, quatro horas no escritório ou na fábrica, almoço, bonde, quatro horas de trabalho, jantar, sono, segunda, terça, quarta, quinta, sexta e sábado no mesmo ritmo, um percurso que transcorre sem problemas a maior parte do tempo. Belo dia surge o “por que” e tudo começa a entrar numa lassida tingida de assombro” (CAMUS, 2009 Pág. 27)



Essa passagem literária é facilmente encontrada no nosso dia a dia, tal qual a rotina de um trabalhador da construção civil, que mantém seu ritmo inalterado por semanas ou até mesmo anos.

Esse trabalho acadêmico busca contribuir de alguma forma para uma tomada de consciência e questionamento dos próprios trabalhadores com relação ao desempenho e importância de suas tarefas.

2. 2.2- METODOLOGIA

A abordagem utilizada foi o método indutivo, pois mostra um recorte da realidade que aponta o universo do trabalho repetitivo de algumas profissões a partir de uma leitura imagética do mito de *Sísifo*, articulado pelo autor Albert Camus.

Este método, abordado por Lakatos e Marconi (1992), consiste em deixar explícito os objetos formulados através de experimento, como um ensaio fotográfico, por exemplo. Tal método nos permite fazer observações em cima dos aspectos vivenciais da sociedade, referentes a seus costumes que envolvem a rotina do trabalho que todos nós estamos submetidos.

A partir da leitura feita do livro de Albert Camus, “O Mito de Sísifo”, foram identificadas algumas profissões que se encaixam na representação do esforço repetitivo. Dentre muitas profissões que representam essa característica de trabalho, estão: uma empregada doméstica, um operário da construção civil e um varredor de rua - Gari.

Para a captação das imagens dos três personagens foi utilizada uma câmera digital Cânon 50D, lente 28/135ml. Em algumas das fotografias a técnica da velocidade baixa foi bem abordada, para enfatizar a movimentação do personagem em seu ambiente de trabalho, como também a repetição de suas atividades. As fotografias foram editadas de forma a ficarem três imagens em um único papel fotográfico, totalizando assim 18 imagens. Tal edição se deu através do programa de edição Adobe Photoshop CS5.



Os registros imagéticos presentes no ensaio fotográfico serão apresentados em papel fotográfico e também em formato de vídeo – multimídia, que foi editado no programa de edição Adobe Premier onde foi acrescentado de áudio em que se pode ouvir relatos dos personagens sobre a rotina de suas atividades e como eles lidam com o trabalho repetitivo.

Tal suporte permite que os personagens sejam expostos em suas rotinas de trabalho, onde se pode visualizar na atualidade a representação do mito de *Sísifo*, encontrado na mitologia grega.

A primeira personagem – Damiana Santana, empregada doméstica, residente no bairro de Cosme e Damião na cidade de Camaragibe, região metropolitana do Recife, Pernambuco. Pertencente à classe baixa da economia, está na faixa etária dos 27 anos, com nível de escolaridade 1º grau (Atual ensino fundamental I) completo.

Essa escolha partiu da observação do trabalho doméstico, porque a personagem está inserida numa rotina de trabalhos repetitivos e cansativos. Ela queixa-se, mas assume a sua condição, admitindo não existir outra possibilidade a não ser empurrar sua pedra e o faz com satisfação. Esse depoimento se conjuga com a idéia do mito de sísifo, ela realiza suas tarefas domésticas diárias e só nos momentos de percepção da fadiga é que torna-se consciente do quão repetitivo é o seu trabalho. Porém esse instante de consciência será interrompido pelo esforço de empurrar a pedra novamente montanha acima.

O varredor de rua – Gari – José Roberto, é o segundo personagem que também representa o mito de sísifo. José Roberto tem 37 anos, é casado e tem três filhos. Reside em Jaboatão dos Guararapes, pertence à classe baixa da economia. Trabalha há um ano e dois meses varrendo ruas no bairro de Boa viagem, na cidade do Recife. O mesmo tem consciência da exaustão que seu trabalho gera, mas ele aceita a sua condição afirmando que: “Trabalho está difícil, por isso tem que aceitar o que aparece”.

A condição de José Roberto e os seus relatos se entrelaçam com o mito de Sísifo, visto que o trabalhador tem consciência da rotina repetitiva, mas acredita que essa é a única saída para ser um trabalhador atuante no mercado de trabalho.



O terceiro personagem, Severino Odilon, 37 anos, marceneiro da construção civil, casado, três filhos. Residente em Jaboatão do Guararapes, pertence à classe baixa da economia. Trabalha há 16 anos na mesma empresa de engenharia civil e o mesmo representa claramente o mito de sísifo e o herói do absurdo, pois o trabalhador executa as suas tarefas diariamente e se sente feliz com isso, não percebe o quão repetitivo é seu trabalho e, como ele mesmo expressou: “Adoro o que faço, sou feliz demais!”.

3. CONCLUSÃO

A realidade do universo das tarefas com rotinas repetitivas, presentes em milhares de profissões, tem um amparo concreto na lenda do mito de sísifo, e é nesse contexto que buscamos a sua representação através da fotografia, colocando a disposição da sociedade uma pequena contribuição ao refletir sobre esse tema que é tão atual.

Tempos absurdos de imensas cargas horárias de trabalho, normalmente existente nas classes operárias, em que a baixa escolaridade contribui para que as atividades se concentrem no trabalho braçal. O mesmo absurdo, falado por Albert Camus, o qual está relacionado com a “consciência do absurdo” presente no trabalho de Sísifo.

Na alegoria mais famosa de Albert Camus, Sísifo, é um personagem heróico que fala da existência do castigo eterno. Ao transportar essa alegoria para um contexto diário percebemos que, a empregada doméstica, o pedreiro, o taxista, operador de telemarketing, enfermeira e em tantas outras profissões, todos carregam sua pedra morro acima sabendo que ela voltará rolando, tornando sua tarefa interminável. Ela se repetirá todos os dias da mesma maneira. Após um dia cansativo de trabalho ele aceita que seu serviço foi realizado, sendo isso a única coisa que importa. Não interessando o tamanho ou o peso de sua pedra, o importante é poder levá-lo todos os dias montanha acima e, no final do dia, vê-la rolar montanha abaixo.

Existe a satisfação que é identificada por Camus como a consciência do absurdo, onde Sísifo, apesar do trabalho árduo, tem instantes de satisfação. Ao invés de gerar revolta por carregar sua pedra, ele percebe que a sensação de trabalho cumprido é maior que o



fardo que carrega diariamente. Para Camus, “A própria luta para chegar ao cume basta para encher o coração de um homem. É preciso imaginar Sísifo feliz” (CAMUS, 2009 pág. 141).

O que nos alivia; por um lado, ao imaginar tal felicidade, por outro pode gerar uma ideia de felicidade falsa, uma vez que ao imaginarmos Sísifo feliz somos absolvidos de uma consciência pesada sobre o outro e sobre seu trabalho. Por termos sempre a ilusão de que o outro, o operário, trabalha muito, porém está envolvido nessa situação por gostar do que faz.

Embora esse projeto visual traga em seu contexto a essência da estética imagética, na qual a subjetividade do “belo” está presente, ele também sinaliza para uma perspectiva de fazer refletir nas pessoas sobre a percepção do trabalho árduo diário desempenhado por nós e, também, pelo outro. Nosso olhar parece estar sempre direcionado para frente, precisamos olhar para os lados, perceber o que nos rodeia e a fotografia funciona como meio de observação. Captando o instante do trabalhador, parando para observar sua rotina estaremos ampliando nosso olhar e nossas observações. Como cita Rosane de Andrade:

“Aprendemos a ver apenas o que praticamente precisamos ver. Atravessamos nossos dias com viseiras, observando apenas uma fração do que nos rodeia. Os homens modernos não são bons observadores, e o uso de uma máquina fotográfica pode auxiliar sua percepção.” (ANDRADE,2005, pág. 54)

Posto que o mito de sísifo, que permeia toda a estrutura desse trabalho, nos mostra o quanto “Sísifo” vive aprisionado em seu mundo, sem chances de uma verdadeira comunicação, ele nos mostra que passamos a construir muros ao nosso redor, nos impossibilitando observar quem está ao nosso lado e, principalmente, sobre a real importância do nosso papel na sociedade.

Esse projeto é mais uma tentativa de se questionar a quem de fato interessa manter esse “trabalho de Sísifo” na sociedade e, por que deixar muitos de nós carregar suas vidas em



um esforço diário e repetitivo de funções monótonas, contextualizada numa carga horária esmagadora e mal remunerada.

Não deixando de ressaltar, também, a importância dessa representação imagética, uma vez que a fotografia é ampla em seus sentidos e significados. O projeto visa, dessa forma, que as inquietações e as nossas observações do dia a dia sejam, de alguma forma, expostas e levadas a uma reflexão. Conhecendo melhor do outro e de nós mesmo também, como cita Rosane de Andrade:

“Se observamos atentamente, fazemos parte do mundo e não apenas estamos nele. Quanto mais mergulhamos naquilo que enxergamos, mais conhecemos do objeto e de nós mesmos. Tecemos um olhar por fotografias” (ANDRADE, Pág.115)

A fotografia não funciona apenas como um suporte técnico, mas principalmente como uma janela para observar aqueles que estão perto e, ao mesmo tempo, distante da nossa realidade



Referências bibliográficas

ANDRADE, Rosane. **Fotografia e Antropologia – Olhares fora-dentro**. São Paulo: Estação liberdade; EDUC; 2005.

BARTHES, Roland. **Mitologias**. Tradução de Rita Buongiorno, Pedro de Souza e Rejane Janowitz. – Rio de Janeiro: Bertrand; 2003.

BRANDÃO, Junito Souza. **Mitologia Grega - Volume I**. Petrópolis-RJ; Editora Voz 1986.

CAMUS, Albert. **O Mito de Sísifo**. Tradução de Ari Roitman e Paulina Watch. - Rio de Janeiro; Record 2009.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Maria de Andrade. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo; 2007

ROCHA, Everardo. **O que é o Mito**. São Paulo; Editora Brasiliense; 2008.



ANEXOS

IMAGEM 1



IMAGEM 2



IMAGEM 3



IMAGEM 4



IMAGEM 5





IMAGEM 6

